

## NOTÍCIAS

## PROFESSOR FERNANDO MOSER

Há homens cuja dimensão só se avalia verdadeiramente quando deixam de nos acompanhar. Não porque a sua presença e estímulo não fossem, em vida, constantemente sentidos, mas porque tal presença sempre actuou na penumbra, sem alardes, sem cargos de dar nas vistas, sem vaidade, mas com a profunda abnegação do bombeiro, incógnito, expectante, salvando no momento certo. Recordo o Professor Moser e na memória é imediata uma imagem antiga: o circo no Coliseu e aqueles homens que põem uns vinte pratos a girar sobre uma mesa, acorrendo numa azáfama àqueles que ameaçam parar. O Professor Moser era um pouco isso: punha tudo a girar quase sem se dar por ele, e hoje admiramo-nos se alguma peça encrava onde, dantes, tudo deslizava. O seu modo de resolver situações era tão elegante que se tornava «invisível». Exercia a sua tutela de um modo infinitamente tolerante, benévolo e aveludado, correspondendo à ideia que sempre tive que os grandes orientadores são aqueles por quem não se dá conta.

Conheci-o na aptidão à Faculdade de Letras de Lisboa. Sou tripeiro, da Sé, e o exame de Inglês andou à volta do Norte, do Norte e do Porto que foi também o berço do então licenciado Fernando Moser, nascido no Bonfim e já nessa altura com uma certa nostalgia destas terras graníticas e da sua gente aguerrida e de grande coração. Ainda no ano passado falámos desta beleza com carácter do Porto, e de como alguns pedaços parecem a Baía, e de como todavia se percebe um tom londrino, e que maravilha é aquela vista do Porto, do lado de lá do tabuleiro superior da Ponte D. Luiz. Foi, como Assistente, meu professor nas duas Culturas (Inglês e Alemã) e ainda fiz com ele o Seminário. A defesa da tese de Licenciatura foi o fim que reflectiu o princípio: de novo me encontrava perante Fernando Moser. Entusiástico, empolgado com o meu trabalho, provocou-me aquele nó na garganta que sinto hoje duplamente pela tremenda saudade que nos deixa. Por seu intermédio entrei na Faculdade de Letras de Lisboa como docente, vindo portanto a ser (embora nunca me pudesse sentir) colega de um dos professores mais competentes que havia encontrado e sem dúvida o maior pedagogo, aquele de cujas aulas se desprendia a impressão mais intensa de humanidade, disponibilidade e abertura. E se refiro algumas memórias pessoais é porque elas transmitem experiências e sentimentos comuns a várias gerações de estudantes, a colegas e amigos, todos sensibilizados, por vezes até surpreendidos, pela simplicidade, generosidade, humildade e delicadeza cativante com que se relacionava com tanta gente, mesmo após a passagem à cátedra, que nunca lhe «subiu à cabeça».

*J. L. ARAÚJO LIMA*

Amigo dos seus amigos, tudo fazendo para os defender, era dos que melhor conheciam as atribuições da docência e da investigação em Anglistica em Portugal e, por inerência das funções que a sua categoria hierárquica implicava e a que nunca se furtou, desdobrava-se no tempo e no espaço em múltiplas actividades de orientação. A Faculdade de Letras do Porto deve-lhe a preciosa colaboração prestada ao Sub-Grupo de Estudos Anglo-Americanos, que orientou; sob a sua égide, esse trabalho foi partilhado e continuado por outros membros do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa.

Foi um grande homem da Universidade Portuguesa, cilindrado por tarefas inúmeras na docência, na investigação, na direcção, distribuindo-se por centenas de alunos e dezenas de orientados. Caso paradigmático de uma vida académica sobrecarregada, não é possível medi-lo ao lado daqueles que, talvez investindo menos nas tarefas da docência e com uma vida pessoal menos sufocante, acumulam títulos publicados. No entanto, os seus trabalhos são proporcionalmente muitos, o que tinha em preparação também. O que dele se esperava nos próximos vinte anos era imenso, tal a pujança com que trabalhou até pouco antes de morrer. Com energia inquebrantável combateu até ao fim a progressiva falta de forças, nunca perdendo a esperança e a fé. Pensador católico coerente e convicto, com as insígnias de oficial da Ordem do Império Britânico, membro de várias Sociedades e Academias de carácter cultural nacionais e estrangeiras, desempenhou funções importantes, dando no entanto à sua acção o cunho desinteressado que sempre o marcou e que se deve testemunhar. No estrangeiro o seu mérito estava sendo reconhecido; em Portugal raramente se terá feito uma escolha tão acertada como a do Professor Fernando de Mello Moser para Presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Uma vez feito o inventário das suas realizações e daquilo que inspirou, haverá que reconhecer publicamente que Portugal perdeu um grande vulto da sua cultura, um homem que trabalhou com a abnegação incansável dos que não querem ouropéis, e que trabalhou não só pelo melhor entendimento dos valores da Cultura Inglesa em Portugal como também, e talvez mais ainda, pela expansão e fortalecimento da Cultura Portuguesa no estrangeiro. Todos lhe somos devedores, ou pela Universidade Portuguesa, ou pela Investigação Portuguesa, ou pelos Estudos Portugueses no estrangeiro, ou por tudo ao mesmo tempo e pela maneira como ouviu, como aconselhou, como inspirou. O seu espírito de serviço acompanhou-o até ao último dia de vida em que, como sempre, trabalhou, sabe Deus com que esforço e sacrifício. Homem de sete fôlegos, talvez que o desgaste dos incansáveis tenha afinal apressado a sua despedida deste mundo. Mais uma razão para que a sua morte seja motivo de reflexão: que a humildade infinita com que trabalhou, ensinou e orientou seja um estímulo à abnegação, à rectidão e à tolerância, e sobretudo que se reconheça que a Universidade e a Cultura Portuguesas trilharão caminhos equilibrados mas imaginosos, criativos mas pragmáticos e eminentemente justos se o espírito de Fernando Moser tiver consequência.

*J. L. Araújo Lima*

**A PROPÓSITO DUM MESTRE AMIGO. A  
PROPÓSITO DUM LIVRO, AFECTO ÀS LETRAS.**

«Entre cada malha feita e  
a malha que desfizera tem  
Penélope o segredo que liga  
a ida ao regresso»

Helder Macedo, «Ao  
contrário de Penélope»

A Imprensa Nacional — Casa da Moeda publicou, no passado mês de Julho, um vasto volume colectivo, significativamente intitulado *Afecto às Letras*, que pretendia ser e é uma *Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, no momento da passagem dos quarenta anos da sua actividade docente. Infelizmente para as Letras portuguesas a publicação desse volume coincidiu quase com o desaparecimento daquele que lhe deu razão de ser.

A morte do Professor Doutor Jacinto do Prado Coelho ocorrida numa fase da sua vida de ainda plena actividade constitui uma perda irreparável para as Letras e para a Universidade portuguesas, e, naturalmente, para o país do qual ele era um cidadão atento e empenhado.

Depois da família, será com certeza a Faculdade de Letras de Lisboa, onde Jacinto do Prado Coelho era Professor desde 1952 e onde realizou uma brilhante carreira universitária — doutor aos vinte e sete anos, catedrático aos trinta e três —, quem mais imediatamente sentirá o vazio por ele deixado. A unanimidade de opiniões sobre as suas qualidades docentes, unanimidade que abrange colegas e actuais ou antigos alunos, é garante do elevado grau que o seu magistério atingiu. São-lhe sistemática e genericamente reconhecidas, neste campo, qualidades que vão da vastidão e rigor do conhecimento transmitido, à capacidade de estimular o aluno e despertar nele a inquietação, da permanente actualização e permeabilidade teórica, à disponibilidade generosa e acolhedora. Basta atentar nos testemunhos que a este respeito estão disseminados ao longo do volume em questão para verificarmos esta unanimidade. Nomes de antigos alunos, actuais colegas, velhos companheiros de docência, assistentes que com ele vinham colaborando trazem esse depoimento comum.

## ISABEL PIRES DE LIMA

Com esse professor «diferente» perde a Faculdade de Letras de Lisboa, mas perdem igualmente todos quantos, e são muitos mais, que, não tendo passado pelos bancos dessa escola, foram seus alunos, porque se deixaram impregnar pela subtileza ensaística e crítica de Jacinto do Prado Coelho, pela sua abordagem sensível dos textos literários, pela sua capacidade de arriscar com equilíbrio e precaução a utilização de novas metodologias, sem dogmatismos, nem cedências a modas triunfalistas. A sua vastíssima obra ensaística (e chamamos a atenção para o Esboço de Bibliografia publicado por Luís Amaro no presente volume e que reúne 457 títulos), estendendo-se de áreas que vão dos estudos literários «stricto sensu» à sociologia da leitura, da estilística à história da literatura e da teoria literária, para além dos seus exaustivos e inovadores trabalhos sobre Camilo, Pascoaes e Pessoa, faz com que Jacinto do Prado Coelho tenha «tocado» amplos sectores da intelectualidade portuguesa. A par de tudo isto «Conhece-se — como nota, no Prefácio, David Mourão-Ferreira, um dos membros da Comissão Organizadora desta homenagem, a par de Lindley Cintra, Maria Alzira Seixo, Maria de Lourdes Belchior Pontes e Urbano Tavares Rodrigues — (...) o que tem sido a persistente acção de Jacinto do Prado Coelho na valorização do escritor português, quer através do modelar *Dicionário da Literatura* que organizou e incansavelmente vem actualizando, quer na direcção da revista *Colóquio/Letras* que tão prestigiosamente soube impor à quem e além fronteiras, quer ainda quando foi Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores e, mais tarde, da Academia das Ciências de Lisboa, quer enfim como Vice-Presidente da Associação Internacional dos Críticos Literários, como Presidente da respectiva Secção Portuguesa, como consagrado e sempre activo membro de muitas outras instituições científicas nacionais ou estrangeiras».

E prova contundente do que vimos afirmando é o número (126) e a variedade de personalidades provenientes de múltiplas zonas da cultura que se quiseram juntar àquela Comissão no sentido de manifestar, cada um consoante a sua sensibilidade e a sua área de interesse intelectual, o apreço e o respeito por quem, com propriedade, se pode chamar de mestre: nomes que vêm do romance e da poesia, do ensaio literário e da reflexão filosófica, da história da cultura ou da literatura e da teoria literária; nomes sonantes de artistas, ensaístas e universitários conhecidos e nomes de jovens mais ou menos desconhecidos, todos amigos seus, contribuíram com poemas, crónicas, contos e ensaios, alguns destes de reflexão sobre a obra de Jacinto do Prado Coelho, ou mesmo com simples textos memorialistas, para dar corpo a esta Miscelânea, que como tal se assume desde o Prefácio.

Jacinto do Prado Coelho foi um mestre, no sentido em que poucos o são, enquanto professor, enquanto intelectual e enquanto humanista, que todo o professor e intelectual deve ser. O seu ideário crítico e a sua atitude intelectual eivados de humanismo levam Álvaro Salema a dizer a seu respeito: «Sob o eclectismo e o relativismo discreto palpita a força maior duma convicção que se associa aos valores humanos fundamentais. A crise do Homem de hoje tem a solução possível de um humanismo sob a égide da inteligência e da racionalidade — e é assim que Prado Coelho a entrevê para além de aparências de

## *NOTÍCIAS*

formulação impessoal. Há nisto muito mais do que uma visão de literatura. A obra do crítico, historiógrafo literário e ensaísta será tanto mais rica e fecunda no futuro quanto mais aberta e largamente reflectir esse humanismo essencial». É esse o caso de Jacinto do Prado Coelho, o mestre, o amigo: é nossa convicção profunda. Por isso tantos são seus amigos, por isso tantos prestam homenagem ao mestre.

*Isabel Pires de Lima*

## CONSCIENCE EM PORTUGAL

Na Flandres, o ano de 1983 foi proclamado o ano de Conscience: comemorou-se o centenário da morte deste escritor belga de expressão neerlandesa. Ele foi um dos mais prolíficos e célebres que jamais tivemos, sem por isso ser dos melhores. Houve exposições, palestras, artigos nos jornais e nas revistas, adaptou-se a sua autobiografia para a televisão, filmou-se um dos seus romances históricos mais importantes e, claro, não faltou o selo comemorativo.

Hendrik Conscience nasceu em Antuérpia em 1812 dum pai francês e duma mãe flamenga. A sua juventude foi difícil. Tornou-se professor-auxiliar de escola primária mas alistou-se voluntariamente na revolta de 1830, donde nasceu o estado actual da Bélgica. Depois foi funcionário público, começando humildemente; mas com o decorrer dos anos conseguindo lugares de responsabilidade. Finalmente foi nomeado conservador dum museu em Bruxelas, naquela altura uma sinecura, para lhe assegurar uma velhice mais despreocupada.

Durante esta longa vida Conscience escreveu uma centena de livros e tornou-se muito popular na Flandres e célebre na Europa toda. A sua obra, predominantemente romântica, foi traduzida para muitas línguas.

Na ocasião destas comemorações perguntei-me se a sua obra era também conhecida em Portugal e talvez até traduzida para português? Como não encontrei nenhuma referência, decidi visitar algumas das bibliotecas mais importantes deste país. A resposta foi positiva. Os núcleos mais interessantes encontram-se na Biblioteca Nacional de Lisboa e na Biblioteca Municipal do Porto. Mas a Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto tem dois livros que não se encontram nas anteriores.

Conscience não gostava de folhetins. Ele achava que despedaçam a obra e que não permitem uma justa apreciação da sua composição. Ironicamente parece que foi desta maneira que o grande público português fez o seu conhecimento na década de sessenta do século passado. A Biblioteca Municipal do Porto possui dois conjuntos de recortes de jornais, traduções de livros de Conscience em forma de folhetins. Não foi difícil localizar um dos dois como sendo de *O Comércio do Porto* e, tendo ido verificar, encontrei no mesmo jornal outra tradução no ano anterior. Para estabelecer a proveniência do outro conjunto precisei de ajuda profissional. A partir da distribuição em quatro colunas e da tipografia, o senhor José Almeida Pereira Vale, bibliotecário de *O Primeiro de Janeiro*, descobriu que saíram na *Gazeta Portuense*, jornal que existiu um só ano. Ele explicou-me que os recortes fazem parte da colecção Alberto Correia, caixeiro viajante e conhecido de muitos escritores e artistas. Ele legou a sua biblioteca, onde se destaca uma valiosa colecção de autógrafos, à Biblioteca

ROZA HUYLEBROUK

Municipal. Acho possível e até provável que haja ainda mais folhetins nos jornais antigos. Mas onde arranjar o tempo e a audácia para pedir que tirem todos aqueles tomos pesadíssimos das altas estantes dos Arquivos?

Um balanço, talvez provisório, das traduções portuguesas compreende nove títulos. Aqui segue a lista cronológica.

*O demónio do jogo*. Folhetim em *O Comércio do Porto*, XII ano, 1865. Sem nome do tradutor.

Romance histórico situado em Antuérpia no séc. 16.º.

*A sepultura de ferro*. Folhetim em *O Comércio do Porto*, XII e XIII anos, 1865-1866. Sem nome do tradutor.

A mesma tradução foi editada em forma de livro: Porto, 1866.

Rosa Pavelyn, única filha duma rica família de Antuérpia, apaixonou-se por um cortador de tamancos, que sob a sua influência se tornou um gentleman consumado e artista prometedor. A rapariga casa com ele no leito de morte e o artista passa o resto de sua vida a esculpir a sua mulher, na esperança da união depois da morte.

(= Het ijzeren graf.).

*O demónio do dinheiro*. Folhetim na *Gazeta Portuense*, I ano, 1868. Sem nome de tradutor.

O empregado dum usurário apodera-se do dinheiro do seu patrão, falsificando o testamento. Ainda por cima obriga a noiva do herdeiro legal, por chantagem, a casar com ele. Claro que no último instante o malandro será desmascarado.

(= De geldduivel.).

*As venturas da riqueza*, Lisboa, 1869-72. Tradutor: M. Pinheiro Chagas.

A simples narração duma família de limpa-chaminés de Antuérpia.

Na primeira parte encontram no sótão o tesouro da família e logo acabam a alegria, a despreocupação e a felicidade. Na segunda parte chegam à conclusão que é possível levar uma vida simples e feliz ao mesmo tempo.

(= Het geluk van rijk te zijn.).

*Horas da noite*, Porto, 1873. Tradutor: R. M. Compreende:

História do conde Hugo e de seu amigo Abulfaragus. Romance histórico situado na época medieval.

Rikke-Tikke-Tak. Uma história do séc. 19.º.

*O Phantasma*. Um pequeno conto popular de Antuérpia.

*História de dois filhos operários*, Lisboa, 1876. Tradutor: Guilherme J. C. Henriques.

Um elogio de Conscience ao ensino popular. Quer demonstrar aos operários a utilidade do ensino e estimular os donos de fábricas a fundarem escolas.

(= Bavo en Lieveken.).

*Heroes catholicos, scenas históricas do século V*, Porto, 1877. Tradutor: Cunha Viana.

Romance histórico em torno de Clóvis e Clotilde, que culmina na conhecida vitória e no baptizado de Clóvis na cidade de Reims.

(= Hlodwig en Clothildis.).

*A sepultura de ferro*, Porto, 1877. Traduzida da última edição por C. N.

*O fidalgo pobre*, Lisboa, 1885. Tradutor: Francisco da Costa Braga.

## NOTÍCIAS

O senhor de Vlierbeke tornou-se pobre por ter pago as dívidas do seu irmão. Então espera que a beleza, a bondade, a boa educação e a inteligência de sua filha compensem o facto de não ter dote. Gustavo, o sobrinho dum rico comerciante, ama-a por ela mesma; no entanto o tio opõe-se a este casamento pobre. Mas o leitor não teme: tudo acaba bem.

( = De arme edelman.).

*A sepultura de ferro*, Lisboa, 1911. Segunda edição em 1926. Tradutora: Emília Araújo Pereira.

( = Het ijzeren graf.).

*A casinha azul*. No Arquivo Popular de bons romances, Lisboa. Sem data. Provável tradutor: Francisco C. Braga.

Simoni Horms tem que tornar-se rico e isso o mais depressa possível, para arrancar a sua noiva Kate à sua família avarenta. Ele torna-se negociante de café e numa especulação faz um erro muito feliz. No centro estão dois jovens dispostos a fazer tudo para ajudarem os pais, mesmo quando estes são a causa da infelicidade dos filhos.

( = Een o te veel.).

Finalmente encontrei em Inocêncio Francisco da Silva uma adaptação brasileira. Pedro Virginio Orlandi escreveu *O amor da pátria*, drama em quatro actos, música do maestro J. C. Fluminense, Rio de Janeiro, 1876.

Quando olhamos para esta lista, notamos que há três romances históricos. Os outros livros são narrativas contemporâneas que giram à volta do contraste pobre-rico, sem dúvida por isso ter sido inerente ao séc. 19.º da Flandres.

A maior parte das traduções saiu e já antes da morte de Conscience. Destaca-se uma autêntica vaga de vinte anos: 1865-1885. Se os dados actuais forem definitivos, a popularidade começou no Porto a partir dos folhetins em *O Comércio do Porto*. A primeira tradução parece-me ter sido premeditada: o século de ouro de Antuérpia é um assunto querido dos Portugueses, já que levavam para este porto os produtos do ultramar e compravam naquela praça os produtos de que precisavam.

O grande êxito em Portugal foi obviamente *A sepultura de ferro* com nada menos do que três traduções e pelo menos cinco edições. Aliás o romance é interessante: uma versão flamenga do motivo de Pygmalion. Conscience também gostou dele. Numa carta ao seu editor de 4 de Julho de 1860 escreveu que pensava que este livro ia ser o melhor sob vários aspectos e que o tinha escrito com muito gosto.

O leitor deste artigo com certeza reparou logo no sentimento e no tom patético da obra de Conscience. Só os títulos já convidam a um sorriso. Fora disso a psicologia costuma ser simples, a estrutura muitas vezes rudimentar e o seu neerlandês é desajeitado (mas isso desaparece numa boa tradução). E chega-se a pensar: afinal não será literatura de cordel? Mas como então explicar o seu grande impacto na Europa toda? É que Conscience sabe mesmo contar e comover e educar. Apesar das muitas lágrimas, das grandes peripécias e dos contrastes a preto e branco, os seus livros estão cheios de esperança, de fé, de humor, de amor pela natureza, pelo próximo, pela pátria. Em suma: eles têm alma. Se a obra deste autodidacta foi em primeiro lugar acessível ao povo flamengo por causa da sua simplicidade, alcançou também um público

muito mais vasto dentro e fora das fronteiras. É que a sensibilidade do séc. 19.º era bem diferente da nossa.

Quanto ao seu público português: não era o Zé Povinho que no séc. 19.º costumava comprar o jornal todos os dias e ler o folhetim e muito menos as muitas traduções francesas das bibliotecas. É relevante que os seus tradutores portugueses tenham sido intelectuais e fica-se com a impressão de que a maior parte deles traduziu *Conscience* por gostar e não para lucrar. Encontrei-os, ou penso tê-los encontrado, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895) foi um dos mais célebres e influentes portugueses do séc. 19.º: escritor, jornalista, político, orador, professor... A Enciclopédia reserva-lhe nada menos do que sete colunas e meia. As medidas realistas que tomou enquanto ministro da Marinha contrastam singularmente com a sua obra literária ultra-romântica. Foi ele que escolheu a simples história dos limpa-chaminés de Antuérpia...

A seguir temos Guilherme J. C. Henriques. Nasceu em Londres em 1846, mais foi viver com o conde de Carnota no concelho de Alenquer e mais tarde herdou a quinta dele. Estudou a sua região e publicou parte da correspondência do Duque de Saldanha. Neste contexto luso-belga vale a pena apontar os seus contributos para o estudo de Damião de Gois, o humanista que viveu em Antuérpia e Lovaina.

O terceiro tradutor deve ter sido Bento José da Cunha Viana (1817-1902). Sendo filho dum militar seguiu também uma carreira, aliás muito movimentada, nas forças armadas. Foi um conhecido jornalista e escreveu várias obras de teor militar. Vale a pena acrescentar que foi um dos sócios fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa. Em 1873 reformou-se como general de brigada. Presumo que naquela altura se debruçou sobre o romance histórico de *Conscience*. Teve provavelmente um interesse pessoal nas batalhas de Clóvis com as suas grandes implicações na história da Europa. O editor foi Chardron, o fundador da bela casa em arte nova na Rua das Carmelitas, que todos conhecemos no Porto.

A Enciclopédia diz de Francisco Joaquim da Costa Braga (1831-1902) que dedicou a sua vida ao teatro e que foi muito popular no seu tempo. Foi escritor e tradutor. Penso que traduziu pelo menos dois romances de *Conscience*.

A única senhora nesta companhia é Emília de Araújo Pereira, uma conhecida actriz nos anos vinte. Colaborou com o seu marido que, como actor, encenador, director, professor, renovou o teatro português na primeira metade deste século. Esta senhora fez traduções a partir do francês, do italiano e do espanhol. A artista escolheu o romance sobre o artista.

Desconheço os tradutores que se escondem atrás das iniciais R.M. e C.N.

Levanta-se agora a questão: de que maneira a obra de *Conscience* veio para Portugal? Nem nos folhetins nem nos livros deparámos com uma introdução ou uma nota explicatória. Não examinei as traduções de perto, mas estou convencida que foi por via do francês. Aliás foi a casa editora parisiense Michel Lévy Frères que proporcionou ao escritor belga a abertura para o mercado europeu. Esta célebre casa, que ainda existe, começou a interessar-se por *Conscience* por causa de um infeliz acontecimento que afinal lhe trouxe consequências felizes. Nos anos 1850-1852 A. Dumas, pai, esteve em Bruxelas. Aí escreveu o romance «*Conscience l'Innocent*», que tem tantas afinidades com um livro

## NOTÍCIAS

de Conscience, que se pode falar em plagiato. Isso chamou a atenção do mundo literário da época para o nosso escritor. Nas bibliotecas portuguesas existe ainda um grande número destas traduções francesas da casa Lévy.

Na esperança de aumentar a acima citada lista de traduções portuguesas, e também porque me apetecia pessoalmente ter alguma coisa de Conscience em português (não consegui!), visitei muitos antiquários e casas de livros em segunda mão, em Lisboa e no Porto. Para a grande maioria dos comerciantes o nome Conscience já não significa nada. Mas no Porto duas pessoas identificaram-no imediatamente como «escritor francês do séc. 19» e um deles lembrou-se espontaneamente da *Sepultura de Ferro*.

Estou convencida que agora Conscience já não deve ser pedido nas bibliotecas de Portugal, aliás quase já o não é na sua própria terra. Actualmente os críticos são unânimes em dizer que, como escritor, ele não é dos grandes. Porquê então este ano de Conscience com os múltiplas comemorações na Flandres? É que o seu papel histórico tem sido enorme. Depois da cisão dos antigos Países Baixos no séc. 16.º a parte Sul continuou sob o domínio dos Habsburgos, espanhóis e depois austríacos. A seguir veio a invasão francesa. E o estado belga que se constituiu em 1830 foi de cariz francês. As camadas abastadas orientaram-se sempre mais para a França e falaram sempre mais francês. O povo é que não. Mas o seu neerlandês vegetou em forma de dialectos. E se teve ainda alguma cultura, foi graças aos professores de escola primária, aos simples párocos, aos médicos de aldeia, aos grupos amadores de teatro, às bibliotecas populares, à leitura dos calendários... Nos livros de história lê-se que o protestantismo contribuiu muito para a alfabetização na Holanda, já que era obrigatório ler a Bíblia nas famílias. Podia-se dizer que a leitura de Conscience teve um papel semelhante na Flandres católica no séc. 19.º. O escritor proporcionou ao seu povo vários livros muito acessíveis que ficaram populares durante muito tempo. Além disso deu-lhe ânimo e mais autoconfiança através dos seus romances históricos, que evocam em vivas cores e com muito entusiasmo episódios mais felizes e gloriosos da Flandres medieval. No contexto da história da literatura, Conscience acabou com o seu assoreamento, introduzindo o romance «moderno» e a novela contemporânea. Assim ele contribuiu para o chamado «movimento flamengo», que aos poucos foi recuperando parte do território e da cultura quase perdidos. Isso tudo explica que lhe fosse levantado um monumento na sua cidade natal, já antes da sua morte, na pequena praça de seu nome, na parte antiga de Antuérpia — em frente da Biblioteca Municipal.

Não são muitos os estrangeiros que compreendem esta luta flamenga. Na verdade teria sido mais cómodo, mais prático, mais vantajoso e talvez até mais prestigioso, deixar-se anexar, se não territorialmente pelo menos culturalmente e linguisticamente pela França. Mas não se podem riscar tantos séculos da vida de um povo. Portugal também não se deixou absorver pela grande vizinha Espanha.

É muito bom ter uma mente aberta, conhecer a cultura dos vizinhos e não só, tornar-se cosmopolita. Mas é também saudável ter raízes.

Roza Huylebrouck

## DE LA COMPLEXITÉ À LA SIMPLICITÉ: L'ITINÉRAIRE DE LE CLÉZIO

Les courants littéraires se succèdent, se contredisent et se complètent. Les mêmes tendances se retrouvent à travers les siècles: classicisme, romantisme, symbolisme. Parfois surgit une école inédite qui peut porter le nom de nouveau roman ou un autre et Pon croit que tout est changé. Littérature impersonnelle, intellectuelle, énigmatique que le lecteur doit déchiffrer par lui-même. C'est ainsi que Le Clézio a commencé sa carrière avec le *procès-verbal*<sup>1</sup>.

Relents de l'absurde, de l'existentialisme, univers kafkaïen dans un éclairage méditerranéen, langage obsédant. Dominant ce monde clos, la ville, vaste énigme, piège géant, la ville labyrinthe qui, parfois rappelle celle de Mohammed Dib<sup>2</sup>.

Du *Procès-verbal* aux *Géants*, la ville a subi une transformation. Le processus de déshumanisation s'est accentué. C'est maintenant un univers concentrationnaire où la violence dort. Les villages sont masqués, la lumière du regard dissimulée sous des lunettes noires, les mots sont tétaniques: «prisonniers des blocs de pierre, cachés tout à l'intérieur des plaques de fonte et des boules de matière plastique»<sup>3</sup>.

C'est la rigidité qui paralyse les mots, comme elle paralyse l'individu et son désir. Mais «il y a des forces si terribles à l'intérieur des pylones de fer, il y a tellement de violence compressée dans les objets silencieux, dans les carlingues des avions, dans les dalles d'amiante, dans les puits de mine, dans les mâchoires des broyeuses, dans les centrifugeuses, les bétonnières, les faucheuses-lieuses»<sup>4</sup>.

L'individu existe, exceptionnellement. Mais il est muet comme Bogo. Les mots sont prisonniers et l'individu veut parler avec de frais mots, aussi, pour Pinstant, il a choisi le silence. Naja non plus ne dit rien. «Elle avance en silence dans les bruits déchainés»<sup>5</sup>.

Depuis *La Guerre*<sup>6</sup>, nous savions ce que valent les mots de la ville. «Les maîtres du langage n'aiment pas les hommes. Ils écrivent leurs mots,

---

<sup>1</sup> *Le procès-verbal*, Paris, Gallimard, 1963, Le Clézio, J. M. G.

<sup>2</sup> DID, Mohammed, *Qui se souvient de la mer?* NRF, Gallimard.

<sup>3</sup> e <sup>4</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Les Géants*, Gallimard, 1973, p. 96.

<sup>5</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Voyages de l'autre côté*. Paris, Gallimard, 1975, p. 26. <sup>6</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *La Guerre*, Paris, Gallimard, 1970.

des mots grands comme des immeubles, leurs terribles silencieux mots qui écrasent le monde. Ils inventent les syllabes qui endorment l'esprit, ils créent les phrases magiques qui persécutent. Derrière chacun de ces mots, il y a le pouvoir, la force, la violence»<sup>7</sup>.

Et Le Clézio a inscrit quelques uns de ces mots, dans leur contexte d'affiche publicitaire: kodak, rohr, à côté d'autres mots, il a noté: «mots géants mais les hommes restent nains»<sup>8</sup>.

Le héros du *Procès-Verbal* était un jeune homme, un des principaux personnages des *Géants*, Bogo, est un enfant. La Naja de *Voyages de l'autre côté* est une jeune fille et Mondo, le plus pur et le plus vibrant des messagers de Le Clézio est encore un enfant, comme Lullaby du même recueil. Comme Wordsworth, Saint Exupéry, comme un sage oriental, Le Clézio a découvert que seul le regard d'un enfant percevait l'épaisseur du monde. A notre avis, Mondo a une place privilégiée parmi les oeuvres de Le Clézio. Mondo, c'est d'abord une histoire pour enfants où le langage se simplifie à l'extrême, jusqu'à atteindre une transparence mystique. Cela commence comme un conte de fées: «Personne n'aurait pu dire d'où venait Mondo. Il était arrivé un jour, par hasard, ici dans notre ville sans qu'on s'en aperçoive et puis on s'était habitué à lui»<sup>9</sup>.

Sous cette apparente simplicité se cache cependant la poésie la plus dense, musicale, authentique. Il ne faut pas s'y tromper: Le Clézio manie les sonorités, les voyelles et les images avec un art accompli. «C'est comme cela que Mondo avait fait connaissance avec Thi Chin et la Maison de la Lumière d'Or. Il était resté longtemps dans la grande salle à regarder les fenêtres. La lumière restait jusqu'à ce que le soleil disparaisse complètement derrière les collines. Même à ce moment-là les murs de la salle étaient si imprégnés d'elle que c'était comme si elle ne pouvait pas s'éteindre. Puis l'ombre était venue, et tout était devenu gris, les murs, les fenêtres, les cheveux de Mondo»<sup>10</sup>.

Précision du mot, adéquation de l'impression avec son expression, communication directe de la beauté dans la simplicité. Cela nous rappelle la réalité immédiate, une réalité fantastique.

Comme le fait remarquer Jacqueline Piatier<sup>11</sup>: «Nous sommes à cent lieues du réalisme ordinaire et cependant toute la chair du livre est de sensations concrètes, de gestes quotidiens, d'une attention aigüe aux choses primordiales de la vie qui nous entourent et que nous ne voyons plus». Le livre dont il s'agit est *Le Désert*.

A partir de *Mondo*, Le Clézio a renoncé à être à la mode et à refléter fidèlement son époque pour retrouver l'éternité à travers l'extase. C'est peut-être

---

<sup>7</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Les Géants*, Paris, Gallimard, 1973, p. 130.

<sup>8</sup> *Idem*, dernière page.

<sup>9</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Mondo et autres histoires*, Paris, Gallimard, 1978, p. 11.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 44.

<sup>11</sup> VERCIER, B.; LECARME, J., *La littérature en France depuis 1968*, Paris, Bordas, 1982, p. 304.

## NOTÍCIAS

alors qu'il a le mieux exprime l'inquiétude et la solitude de l'homme de son temps, le désert du relatif par l'ivresse de l'absolu.

Désormais, ce qui compte pour lui, c'est «Ecrire seulement sur les choses qu'on aime. Ecrire pour lier ensemble, pour rassembler les morceaux de la beauté et ensuite recomposer, reconstruire cette beauté»<sup>12</sup>.

Il confesse: «Je voudrais seulement faire ceci: de la musique avec les mots... pour embellir mon langage et lui permettre de rejoindre les autres langages du vent, des insectes, des oiseaux, de l'eau qui coule, du feu qui crisse, des roches et des cailloux de la mer»<sup>13</sup>.

La contemplation de *Trois villes saintes* offre à Le Clézio l'occasion de méditer sur la sagesse indienne. Ces villes majestueuses et sacrées constituent avec notre Hyperpolis un contraste total. Au sein même de notre civilisation, ce sont des êtres libres et sauvages que Le Clézio choisit comme porte parole, tels Lalla du *Désert*.

Dans *Le Désert*, il retrouve l'accent des grands classiques. La scène d'assomption du *Désert* ressemble curieusement à un des plus beaux contes de Miguel Torga. Dans *le Désert* comme dans *Madalena*, une jeune femme se réfugie dans la nature pour donner le jour à son enfant. Cette nature est très semblable: aride, rocailleuse, peu hospitalière. Lalla et Madalena sont seules, parfaitement seules «nem um som nem a presença duma aragem a quebrar a solidão que a cercava»<sup>14</sup>.

Lalla s'approche du grand figuier parce qu' «elle sait qu'il n'y a que lui qui puisse l'aider, à présent»<sup>15</sup>.

Les deux jeunes filles assument leur maternité loin de la société. Elles ont franchi un véritable calvaire de fatigue et de soif avant d'atteindre le lieu choisi. Un peu comme pour *VEtranger* de Camus, c'est de l'aridité, de l'hostilité que surgit la communication: hostilité du milieu géographique chez Le Clézio et Torga, du milieu humain chez Camus.

Etait-ce la condition nécessaire pour que cet enfant naisse libre et pur? Le contact avec la terre opère une sorte de résurrection. On songe à la mythologie grecque: «L'odeur puissante de Parbre la pénètre, l'environne et cela apaise son corps meurtri, se mêle à l'odeur de la mer et des algues»<sup>16</sup>.

Cependant l'enfant de Madalena mourra et il ne restera que son secret «o segredo dela e de Deus»<sup>17</sup>. Contrairement à Lalla, elle n'a pas reçu de réponse: «o mundo emudecera»<sup>18</sup>.

---

<sup>12</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *L'inconnu sur la terre*, Paris, Gallimard, 1978, p. 303.

<sup>13</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *La littérature en transe depuis 1968*, Paris, Bordas.

<sup>14</sup> TORGA, Miguel — *Bichos*, Fondation Calouste Gulbenkian, Presses Universitaires de France, 1980, p. 64.

<sup>15</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Le Désert*, cité dans *La littérature en France depuis 1968*, Paris, Bordas, 1982, p. 304.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> TORGA, Miguel — *Bichos*, Fondation Calouste Gulbenkian, Presses Universitaires de France, 1980, p. 64.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 66.

Lalla est magnifiée par la douleur «qui fait son corps grand comme une montagne qui repose couchée sur la terre»<sup>19</sup>.

Madalena redescend vers la fraîche source de Tenaria.

N'est-ce pas paradoxal que ce soit à partir du moment où Le Clézio a choisi la simplicité qu'il a commencé à être considéré comme hermétique, paradoxal et même tragique car l'hermétisme, ce n'est pas celui de Le Clézio, mais le nôtre? Nous sommes fermés à la musique, aux êtres et au monde et c'est la confusion qui nous paraît simple, au point que nous ne savons plus reconnaître la véritable simplicité et qu'un mot ne nous dit rien s'il n'est enrobé de néant.

Qu'un écrivain traverse le langage pour arriver «de l'autre côté», là où règne le silence, cela peut sembler étrange, mais si l'on y prête attention, on se rend compte que ce silence n'est qu'apparent. «Dans ce pays là, les gens sont muets, mais ça ne veut pas dire qu'ils ne savent pas parler... Au contraire, ils se parlent mieux qu'avec des mots et des phrases... lis parlent avec leur corps, avec leurs yeux, avec leurs mains»<sup>20</sup>.

Et nous voilà introduits dans un univers où tout parle, mais cet univers nous est-il étranger? Cette expérience de rincommunicable, n'est-ce pas celle du poète? Que nous dit la poésie (en vers ou en prose) depuis Baudelaire jusqu'à Le Clézio, en passant par Paul Valéry?

«La nature est un temple où de vivants piliers.

Laissent parfois sortir de confuses paroles...»<sup>21</sup>.

«La poésie est l'essai de représenter ou de restituer par les moyens du langage articulé, ces choses ou cette chose que tentent obscurément d'exprimer les cris, les larmes, les caresses, les baisers, les soupirs»<sup>22</sup>.

Le Clézio, c'est le poète de notre époque, celui qui réveille le pouvoir de la pensée, de l'imagination qui dorment au coeur de cette Hyperpolis de béton et de verre; il est classique comme Camus lorsqu'il affirmait «que l'art le plus libre et le plus révolté sera ainsi le plus classique»<sup>23</sup>. Il est romantique comme Vigny lorsqu'il contemple la beauté du monde, symboliste comme Baudelaire, lorsqu'il essaie de percer le mystère des signes.

Pareil à Natalie Sarraute, il n'ignore pas que la psychologie traditionnelle échoue dans le domaine des *Tropismes*. «Si nous parlons de l'âme, des émotions, de l'intérieur brûlant et remuant au fond de notre corps, comment imaginer que ces règles et ces associations d'idées vont réussir à en rendre compte»<sup>24</sup>.

Mais si Le Clézio nous attire surtout, ce n'est pour aucune de ces raisons: c'est parce nul mieux que lui ne justifie cette réflexion de Barthes: «Rien de

---

<sup>19</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Le Désert*, cité dans *La Littérature en France depuis 1968*, Paris, Bordas, 1982, p. 304.

<sup>20</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Voyages de l'autre côté*, Paris, Gallimard, 1975, p. 27.

<sup>21</sup> LAGARD et MICHARD, XIX<sup>e</sup> siècle, Paris, Bordas, 1963, p. 431.

<sup>22</sup> VALÉRY, Paul, *Morceaux Choisis*, Gallimard, p. 168.

<sup>23</sup> CAMUS, Albert, *Discours de Suède*, Gallimard, p. 62.

<sup>24</sup> LE CLÉZIO, J. M. G., *Vinconnu sur la terre*, Paris, Gallimard, p. 85.

## NOTÍCIAS

plus déprimant que d'imaginer de Texte comme un objet intellectuel (de réflexion, d'analyse, de comparaison, de reflet, etc.). Le Texte est un objet de plaisir»<sup>25</sup>. Et quand le lecteur a achevé la dernière ligne d'un de ses poèmes en prose, comme lorsqu'il a lu le dernier vers du cimetière marin, il se plonge avec des forces neuves dans l'océan cosmique.

*Huguette Rodrigues-Rotheval*

<sup>25</sup> VERCIER, B.; LECARNE, J., *La littérature en France depuis 1968*, Paris, Bordas, 1982, p. 276.